

DIALOGANDO COM LACAN PARA UMA COMPREENSÃO DA ESTRUTURA DAS PSICOSES

Helder Rodrigues Pereira¹
Nayara Maria Borges Pereira²

RESUMO

O trabalho realizado e que vai aqui apresentado consiste em uma apresentação do percurso empreendido por Jacques Lacan ([1955-56] 1988) no Seminário sobre As Psicoses. A proposta de chamar o nosso percurso de “diálogos” baseia-se na leitura de outros textos e notícias que reportam ao tema, ajudando-nos a melhor compreendê-lo. Não é um percurso simples e tampouco óbvio. A escrita de Lacan, ou mesmo a estrutura psicótica, abre continuamente outras portas pelas quais pode o observador perscrutar, embora não lhe seja permitido adentrar com suas ansiosas pretensões interpretativas, plenas de significantes simbólicos. Contente-se, pois, o clínico, com a função de secretário do delírio, compreendendo-o não simplesmente como uma defesa, mas como uma outra forma de se organizar diante de um outro – imagem de si e que rejeita habitar o complexo mundo da linguagem.

Palavras-chave: Psicose. Psicanálise. Lacan. Percursos.

¹Professor do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, onde desenvolve pesquisa sobre os temas de Análise do Discurso e Psicanálise, Espaço Urbano e Subjetividade. Supervisor de Estágio em Pesquisa em Saúde Mental. Psicanalista Clínico. Endereço eletrônico: helderpereira@unipac.br

²Psicóloga pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos.); Psicóloga clínica, atuando na Secretaria Municipal de Educação de Carandaí–MG. Pós-graduanda em Saúde Mental e em Psicanálise com Crianças e Adolescentes. Endereço eletrônico: nayara.bpsicologia@gmail.com

A DIALOGUE WITH LACAN TO UNDERSTAND THE STRUCTURE OF PSYCHOSES

ABSTRACT

The work carried out and which will be presented here consists of a presentation of the journey undertaken by Jacques Lacan ([1955-56] 1988) at the Seminar on The Psychoses. The proposal to call our journey “dialogues” is based on reading other texts and news that report on the topic, helping us to better understand it. It is not a simple or obvious route. Lacan’s writing, or even the psychotic structure, continually opens other doors through which the observer can peer, although he is not allowed to enter with his anxious interpretative pretensions, full of symbolic signifiers. Therefore, the clinician is content, with the role of secretary of the delusion, understanding it not simply as a defense, but as another way of organizing himself in front of another - an image of himself that rejects inhabiting the complex world of language.

Keywords: Psychosis. Psychoanalysis. Lacan. Ways.

UN DIÁLOGO CON LACAN PARA COMPRENDER LA ESTRUCTURA DE LAS PSICOSIS

RESUMEN

El trabajo que aquí se presenta consiste en una exposición del camino emprendido por Jacques Lacan ([1955-56] 1988) en el Seminario sobre Las Psicosis. La propuesta de llamar a nuestro camino “diálogos” se basa en la lectura de otros textos y noticias que dan cuenta del tema, ayudándonos a comprenderlo mejor. No es un camino sencillo, ni obvio. La escritura de Lacan, o incluso la estructura psicótica, abre continuamente otras puertas por las que el observador puede asomarse, aunque no se le permita entrar con sus ansiosas pretensiones interpretativas, llenas de significantes simbólicos. Por lo tanto, el clínico debe contentarse con la función de secretario del delirio, entendiéndolo no simplemente como una defensa, sino como otra forma de organizarse frente a otra - imagen de sí mismo y que rechaza habitar el complejo mundo del lenguaje.

Palabras-clave: Psicosis. Psicoanálisis. Lacan. Rutas.

INTRODUÇÃO

Quando o estudante de Psicologia entra em contato com o tema das psicoses, algo de estranho começa a lhe causar espanto. Parece que, finalmente, a questão da loucura, antes delineada de forma genérica e impensada, inicia a conquistar um nome e, por estabelecer contatos com pensadores da questão, é formada uma ideia incipiente do que poderia ser o transtorno mental. Um transtorno de tal ordem que é capaz de retirar a pessoa da realidade, abrindo-lhe um mundo equívoco (equívoco?), distante dos domínios da razão e sob o qual a própria razão havia se mostrado violenta e impositiva. Parafraseando o Bacamarte de Machado de Assis¹, também o estudante de Psicologia se espanta: eu havia pensado que a loucura era uma ilha e, todavia, vejo-a como um continente.

Pensadores se apresentam para contribuir na compreensão do embate razão *versus* desrazão: Erasmo, de Rotterdam, personificou a Loucura², erigindo para ela um palco social de onde ela – por ser louca – poderia falar e provocar risos, haja vista que sua linguagem incompreensível não faria mais do que provocar a graça do riso na plateia social e imaginária que, vivendo situações cotidianas devidamente justificadas pelas normas, carecia de uma visagem louca, capaz de demonstrar os arroubos de certos cotidianos tolerados. Assim é que a Loucura elogiava, elevava, cantava em anedotas a vida impura e infame das classes sociais que se erguiam e se materializavam, ao passo que escondiam suas condutas reprováveis moralmente. Elogios às ordens monásticas e às classes nobres com seus séquitos loquazes, ávidos por conferir-lhes evidência e respeito.

Posteriormente, o estudante de Psicologia é apresentado ao pensamento de Michel Foucault que, ao fazer uma História da Loucura (1972), fez um extenso retrato das relações entre a Europa e a Loucura – na Idade Clássica. As representações iconográficas da Europa sempre a retrataram como um continente superior, espiritualizado e, portanto, capaz de submeter os outros, ditos inferiores e bárbaros. Era a Idade do Ouro da Razão, como se expressara Sartre, em 1961³. Evidentemente, os seres primitivos não estavam exclusivamente fora do continente europeu que, para se livrar daqueles homens pouco afeitos à razão e suas exigências, as cidades europeias criaram a nau dos insensatos, abandonando às águas (sinal de purificação) aqueles loucos e outros avessos à ordem racional das cidades e das coisas. Além de criarem suas naus, as cidades também produziram seus hospícios – asilos para retirar à vista da ordem os desordeiros de todas as classes sociais, mas principalmente os pobres.

Em nosso projeto de pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, a proposta era traçar uma compreensão sobre a Loucura que, então, associou-se ao seu nome técnico: as psicoses. De imediato, a obra que nos foi apresentada trata do tema

³ Na obra O alienista, Machado de Assis (1882) se propõe a discutir, *mutatis mutandis*, a Grande Internação, criando para Simão Bacamarte (o alienista) uma Casa Verde, onde seriam trancados todos aqueles que demonstrassem, sob a ótica de Bacamarte, o menor sinal do recuo da razão.

⁴ Referimo-nos ao ensaio O Elogio da Loucura (1509/1511).

⁵ A referência é ao prefácio escrito por Jean-Paul Sartre à obra de Frantz Fanon – Os condenados da Terra (1961).

sob o formato de seminários, que foram proferidos por Jacques Lacan nos anos de 1955 e 1956⁴. A leitura dessa obra abriu para nós uma possibilidade de compreensão de tema. A proposta inicial era partir do caso do Presidente Schreber para uma retomada dos conceitos básicos das psicoses, estendendo-os a outros casos clínicos. Mas, como pudemos perceber, a própria leitura do seminário produziu uma compreensão mais técnica, menos linear e mais conceitual acerca do tema que nos propomos estudar e ora apresentar.

Apresentamos, pois, nos capítulos que se seguem, o percurso por nós empreendido, mas não esgotado, obviamente. A ideia é proporcionar aos estudantes de Psicologia uma melhor compreensão do fenômeno psicótico, retirando-lhe o caráter místico e aprofundando, nos caminhos da psicanálise, os conceitos que nos permitem melhor abordá-los.

1 O SER HUMANO ENTRE A LOUCURA E A RAZÃO

Antes de iniciarmos o nosso diálogo, necessário se faz apontar alguns motivos particulares e os direcionamentos metodológicos. Assim fazemos para que o leitor possa, com cuidado, procurar seguir nossos passos ainda claudicantes em torno da temática das psicoses. Vamos a eles: se há um tema que provoca e inquieta o mundo racional, o mundo da civilização que se quer comedido e transparente, é a questão da desrazão, do obscurantismo mental. E não é por menos: durante séculos quis o homem governar-se pela retidão dos pensamentos e pela firmeza da vontade. Não obstante, algo emerge de si mesmo – e o que emerge não é necessariamente monstruoso. É tão-somente estranho, infamiliar⁵, diríamos com Freud. Ocorre que isso causa estranhamento e, não raro, dor. Uma dor psíquica, como dizia um dos professores da nossa graduação em Psicologia. Desde então, fomos interpelados por essa ideia estranha sobre o sofrimento psíquico. Como compreender uma dor que não se mede? Como estudar um sujeito que está nublado? Como compreender para além dos limites impostos pela razão? Como medir o que não se presta a limites claros e distintos, como o queria Descartes? São questões que nos fizeram considerar a possibilidade de melhor compreender essa dor: dor de ser louco ou dor de ser humano? Todavia, é preciso abandonar questões retóricas e buscar alguma precisão científica, ainda que momentânea, o que quer dizer: quando falamos de dor e sofrimento psíquico, estamos falando da loucura. Não mais aquela que elogia ou que pode ser festejada, mas a loucura compreendida como sofrimento mental, como cisão do eu, como condição humana na qual o sujeito se vê invadido, devastado. Na vida ordinária, sabemos que o homem não é senhor em sua própria casa (cá estamos parafraseando Freud novamente) mas, nos casos de loucura há um desencadeamento do sintoma que se coloca acima do sujeito, subjugando-o como seu algoz.

Mas, é preciso dizer, Freud e os psicanalistas fizeram-nos compreender que há um sujeito que insiste e que há uma tentativa de organização mental que atravessa o próprio delírio. Por isto, ao tentarmos compreender a loucura, passamos ao estudo das psicoses. São consideráveis os casos que se nos apresentam para ilustrar as teorias que buscam

⁶ O seminário. Livro 3. As psicoses. Editado no Brasil por Jorge Zahar Editor.

⁷ Texto de Freud (1919), publicado no Brasil sob o título O estranho, mas que tem recebido essa nova designação neológica, na tentativa de grafar uma palavra que traz em si o seu contrário (familiar/infamiliar).

explicar a misteriosa mente humana: Schreber, Aimée, as irmãs Papin e tantos outros que circularam pelos corredores dos hospitais psiquiátricos ou das prisões onde, cada um a seu modo, buscaram conter a erupção mental caracterizada pelo distanciamento da realidade, do simbólico, inaugurado a partir da rejeição da lei paterna – essa que seria (é) capaz de organizar o sujeito diante de sua falta.

1.1 Sexualidade e constituição subjetiva

O tema da psicose é tratado por Freud ([1911] 1976) com base nas suas práticas com a neurose, tendo como referência o mecanismo e a teoria do recalque. A análise do livro do presidente Schreber ([1903] 1984)⁶ traz o desenrolar da formação de um sistema delirante que caracteriza a estrutura psicótica. O principal delírio de Schreber era que seu corpo era manipulado e transformado em um corpo de mulher. A questão do corpo exerce uma função importante nos processos inconscientes. Em suas abordagens com as históricas, por exemplo, Freud construiu a ideia segundo a qual o corpo é caracterizado pelo desejo que não é consciente. Portanto, podemos considerar também que foram os estudos sobre a histeria que proporcionaram um melhor entendimento de um sintoma corporal. Ao falar de sexualidade desde o ponto de vista da psicanálise, compreendemos que é esse conceito que possibilita as relações entre o corpo físico e o outro corpo, aquele simbolizado pelo psiquismo. O conceito de pulsão está aí associado, como algo que se apresenta entre o somático e o psíquico. A pulsão é o “local” de conexão entre as esferas do psiquismo e o corpo, e constitui a gênese do sujeito. O corpo, portanto, abarca os conflitos pulsionais.

Freud ([1920] 2020) afirma que a sexualidade é regida pelo dualismo entre prazer e desprazer. Traz considerações sobre o autoerotismo, o narcisismo e o amor objetal no texto sobre Schreber (FREUD, [1911] 1976). Porém, já havia falado nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (FREUD, [1905] 1976), sobre o termo autoerótico, enfatizando que se referia à satisfação que o sujeito alcança pelo próprio corpo. Outro conceito igualmente importante nessa abordagem é o narcisismo, também ligado às relações do sujeito com o próprio corpo – e com o corpo do outro, por certo. Podemos dizer que o narcisismo é definido como estágio de assunção do corpo, uma elevação de si mesmo. Na relação com o objeto materno se dá a satisfação das necessidades no início da formação do autoerotismo. Ou seja, é com a perda da mãe como objeto de amor que se inicia a formação do autoerotismo. De acordo com Freud ([1905] 1976), a autoconservação está ao lado da sexualidade, que se configura também como o embate entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. O corpo alterna entre os dois princípios e passa por diversas sensações, há uma relação entre vida e morte que mostra a possibilidade de pensar um corpo como uma representação e que transborda. É no corpo que desenvolve a trama entre o somático e o psíquico, atravessado pelas pulsões. Para buscarmos uma associação da teoria acima exposta junto a um caso clínico, vamos fazer uma breve abordagem do caso do Presidente Schreber e suas relações com o corpo (sexualidade) em um contexto de psicose.

⁶ O livro Memórias de um doente dos nervos, escrito por Daniel Paul Schreber, em 1903.

1.1.1 Um breve percurso sobre a biografia de Schreber e a abordagem de Freud

Daniel Paul Schreber nasceu em Leipzig, em 1842, e morreu aos 69 anos. Seu nome ficou associado à psicanálise quando Freud analisou seus escritos em suas memórias, as Memórias de um doente dos nervos (SCHREBER, 1903). É uma obra que trouxe contribuições para o cenário científico, principalmente para a psiquiatria e para a psicanálise para os estudos sobre as psicoses. Schreber era de uma família de burgueses, seu pai era médico ortopedista e pedagogo. A ciência estava sempre presente nos discursos de seus familiares, visto que eles buscavam o reconhecimento de suas ideias. A família pregava uma doutrina educacional e moralista, sempre voltada para o controle do indivíduo em contato com a sociedade. O pai de Schreber dizia ter orgulho por ter exercido suas práticas educacionais com seus próprios filhos, afirmando que alcançara com seus métodos ótimos resultados. Schreber se submeteu às ordens do pai, tendo sido um aluno extremamente dedicado e mostrava gostar muito do que fazia. Em 1859, o pai de Schreber sofreu um acidente: foi atingido por uma barra de ferro na cabeça, o que lhe comprometeu o cérebro, vindo a falecer três anos depois. As informações que existem sobre a mãe são que ela era dominada pelo marido e parecia ser deprimida. Schreber tinha um irmão mais velho e três irmãs. Seu irmão suicidou-se aos trinta e oito anos de idade, tempo em que foi nomeado conselheiro do tribunal. Após a morte do irmão, Schreber se sentiu na responsabilidade de manter a descendência da família. Um ano após o fato, casou-se com uma mulher quinze anos mais jovem. Com ela, ele queria ter um filho que portasse o nome da família, mas não conseguiu, pois sua esposa teve seis abortos espontâneos.

Schreber era jurista. Em 1884 foi nomeado vice-presidente do tribunal Regional de Chemnitz e, neste mesmo ano, candidatou-se às eleições pelo Partido Nacional Liberal, mas foi derrotado (“Quem conhece esse tal Dr. Schreber?” – era voz que se fazia ouvir no contexto político que culminou com sua derrota). Logo após este ocorrido, foi internado durante seis meses em uma clínica com o diagnóstico de hipocondria. Essa foi a primeira crise de uma série de outras. Tinha várias crises de hipocondria, com falas sobre emagrecimento – um quadro grave onde havia delírios. Ele pensava ter emagrecido de quinze a vinte quilos, mesmo quando a balança demonstrava que, na verdade, ele havia adquirido dois quilos. Houve também duas tentativas de autoextermínio. Ele criticava seu tratamento medicamentoso e dizia que seu caso precisava de uma atenção maior.

A segunda crise ocorreu após oito anos, quando foi nomeado para ocupar um cargo importante e de nomeação irreversível: o de Juiz Presidente da Corte de Apelação, na cidade de Dresden. Negar-se a tal nomeação constituía-se em um crime de lesa-majestade. Pouco antes de assumir o cargo, Schreber teve um sonho, onde a *doença nervosa* voltava. De manhã, ao acordar, estava com pensamentos sobre como seria bom ser mulher, pois assim poderia se submeter ao coito. Rejeitou esse pensamento por anos. Esses acontecimentos juntamente com as preocupações com o cargo o levaram a ter insônia, angústia intensa e sensibilidade a barulhos.

Schreber procurou mais uma vez o doutor Flechsig. O médico tentou fazer o tratamento em casa, mas Schreber foi se desorganizando cada vez mais e foi novamente internado. Ele dizia ter a sensação de morte, chegando a acreditar que estava morto mas não havia sido enterrado – estava o seu corpo em decomposição. Relatou também que seu pênis havia sido retirado. Após seis meses foi levado para o sanatório de Lindenhof, onde ficou quinze dias e, sem justificativas, foi transferido para um asilo onde permaneceu por oito anos. Em 1885, mais precisamente no mês de novembro, ocorreu uma mudança fundamental em relação a sua enfermidade, pois Schreber passava então a aceitar a sua “transformação de homem em mulher” (CARONE, 1995).

Em 1899 houve um interesse de Schreber por sua condição legal, exigindo seus direitos enquanto cidadão e demonstrando que seu tratamento não estava correto, pois estava internado desde 1894. Escreveu suas memórias (Memórias de um doente dos nervos) junto a uma discussão sobre sua condição legal, alcançando sua recuperação de direitos somente em segunda instância. Sua alta estava permitida desde o final de 1900, mas o juiz o deixou mais dois anos internado, justificando que havia necessidade de planejar a sua volta à sociedade.

Quando saiu do asilo, ele e sua esposa adotaram uma menina de treze anos, com quem teve um relacionamento muito bom, representando uma mãe para a menina.

Em 1907 aconteceu a terceira internação de Schreber, no sanatório de Dosen. Sua mãe faleceu neste mesmo ano e ele, mais uma vez, se sentiu pressionado quando os integrantes da Associação Schreber, um grupo que queria utilizar ideias de seu pai, solicitaram que reconhecesse a legitimidade dessa associação, para evitar o uso indevido daquelas iminentes ideias. Além desse ocorrido, a esposa de Schreber foi acometida por um grave estado de saúde, ficando afásica por quatro dias. O Presidente Schreber esteve internado durante treze anos de sua vida em sanatórios, e terminou sua vida assim internado, longe do modelo de homem que seu pai queria.

Freud, nos seus estudos iniciais, não colocou o corpo como objeto principal de estudo, mas a análise do caso teve enorme contribuição para o conhecimento do psiquismo. Para uma análise da patologia, Freud ([1911] 1976) considerava fundamental compreender as partes constituintes do delírio. Uma era representada pelo desejo de se tornar mulher e a outra pela relação com Deus. Freud analisou esses dois fatores.

Schreber apresentava fala delirante, embora tivesse também boa comunicação e inteligência. A segunda crise e o pensamento de querer tornar-se mulher ocorreu quando foi nomeado ao cargo de juiz. Este fato denota a dificuldade do sujeito em apresentar elementos simbólicos que fizerem frente ao chamado do Nome-do-Pai, pois lhe faltava a lei paterna, que lhe teria inserido no universo simbólico. Vejamos o seguinte trecho de suas memórias:

[...] uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei mais se meio adormecido ou já desperto), tive uma sensação que me perturbou de maneira mais estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. Era a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher e se submeter ao ato do coito – essa

ideia era tão alheia a todo meu modo de sentir que, permito-me afirmar, em plena consciência eu a teria rejeitado com tal indignação que do fato, depois de tudo que vive nesse ínterim, não posso afastar a possibilidade que ela me tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo (SCHREBER, [1905] 1984, p.54).

Freud, analisando os sonhos de Schreber, teve a percepção de que toda vez que ele recordava sobre sua enfermidade, falava também sobre o médico Flechsig. Freud concluiu que Schreber possuía impulsos homossexuais direcionados ao médico e, por ter entrado numa luta constante contra esses impulsos, foi desencadeada sua patologia.

1.1.2 As psicoses sob a visão lacaniana

A imagem abaixo reproduz um desenho de uma jovem: Isabella. É um desenho que reproduz a angústia de se sentir sempre observada: a angústia de um delírio. A jovem reproduz uma árvore em cujo tronco há olhos expressivos e, ao redor do vegetal, uma grinalda que revela de forma literal o significante: “Oh! Io sono sempre vista” (“Eu sou sempre vista”).



Para discutir a questão das psicoses, Lacan se propõe, dentre outras medidas, a discutir sobre o delírio. Em sua fala – demonstrada no Seminário 3 (LACAN, [1955-56] 1985) – podemos perceber uma crítica à psiquiatria que, conforme ele mesmo diz, a ausência do progresso é uma característica do movimento psiquiátrico.

Ao elaborar melhor a questão do delírio, Lacan ([1955-56] 1985), no capítulo dois do referido Seminário, faz uma abordagem do caso Schreber, conforme estudado por Freud, em 1911: Memória sobre a autobiografia de um caso de paranoia delirante. Antes, porém, Lacan ([1955-56] 1985) faz uma abordagem sobre as concepções dos casos de delírios associados ou não à doença mental. Por exemplo, quando cita O Elogio da Loucura, de Erasmo de Rotterdam, ele aproxima-se da questão de a loucura falar pelo sujeito, de a loucura tomar a voz e colocar-se no lugar do discurso. É precisamente isto que faz Erasmo, ao dar voz à loucura ele pode dizer, de forma chistosa, o que a razão não diria, haja vista seus rígidos limites impostos ao longo das idades do desenvolvimento da humanidade.

Mas, seria sempre delirante a voz da loucura? Para desenvolver esta questão, Lacan parte de uma certa definição de paranoia:

A paranoia se distingue dos outros [males mentais] porque ela se caracteriza pelo desenvolvimento insidioso de causas internas e, segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante, durável e impossível de ser abalado e que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação (LACAN [1955-56] 1985, p. 27).

Este conceito, assim posto, passa a ser questionado por Lacan, quando ele afirma que ele contradiz ponto por ponto todos os dados da clínica, haja vista que nada nele é verdadeiro. Para tanto, há algumas perguntas importantes a se levantar diante dessa definição de paranoia: o que é clareza? O que é ordem? De acordo com o autor, a psiquiatria procura um elemento emocional na vida do sujeito, ou mesmo uma crise vital que se ligaria às causas externas para uma explicação possível da paranoia.

Mas, para contradizer, Lacan propõe uma analogia para a compreensão dessa patologia: “Estruturas análogas [às folhas] se encontram no nível da composição, da motivação, da tematização do delírio, e no nível do fenômeno elementar. [...] é sempre a mesma força estruturante” (LACAN [1955-56] 1985, p. 28).

Destarte, assim como as folhas das árvores podem apresentar nervuras diversas e diferentes nuances no verde e no desenho de cada borda, há uma estrutura determinante do delírio. Como o desenho da árvore feita por Isabella, por exemplo: é em torno de seu tronco, de sua estrutura escrutinadora por excelência que se organiza as palavras que lhe atravessam (“Io sono sempre vista...”).

De acordo com Lacan, o delírio não é deduzido da fala do paciente. Ele próprio reproduz a sua força, pois que ele é um fenômeno elementar das psicoses. Outro fenômeno seria a inafetividade em suas relações com os objetos – sejam eles quais forem. Em capítulos posteriores, Lacan vai afirmar que é a falta do significante do Nome-do-Pai que vai operar

essa inafetividade. Portanto, uma rejeição (uma foraclusão) é o que está no centro da concepção das psicoses.

Considera também que, na paranoia, o fenômeno elementar está no nível da interpretação. O que diz o sujeito em um certo período de seu delírio? Que há significação. Uma significação que se impõe e, por isto mesmo, o fenômeno do delírio está fechado a toda composição dialética.

Haveria, pois, um mal-estar nas psicoses pois “[...] o próprio do comportamento humano é a movência dialética das ações, dos desejos, e dos valores, que os faz não somente mudar a todo momento, mas de maneira contínua, e até mesmo passar a valores estritamente opostos em função de um rodeio de diálogo” (LACAN [1955-56] 1985, p. 32).

Lacan propõe também uma questão a se fazer à dimensão paranoica: Quem fala?, pois há uma articulação das palavras que os paranoicos atribuem às vozes que ouve pronunciar. Há que se levar em conta o fenômeno da palavra em suas formas patológicas, tido como uma forma normal. É sabido que, quando o sujeito fala, ele ouve a si mesmo. Tal fenômeno – o da fala – não cabe nas teorias da comunicação, segundo as quais há um emissor, um receptor e alguma coisa que se passa no intervalo entre um e outro. Eis o que ele afirma: “Na fala humana, entre muitas outras coisas, o emissor é sempre ao mesmo tempo um receptor, que ouvimos [nós mesmos] o som de nossas próprias palavras. Podemos não dar atenção a isso, mas o certo é que ouvimos” (LACAN [1955-56] 1988, p. 34).

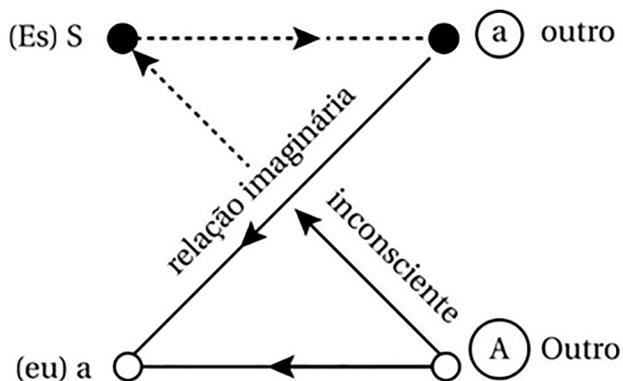
Fechando o capítulo, Lacan faz uma abordagem ao caso Schreber, apontando sinais claros da palavra e do vínculo que ele faz com o fator neurológico, buscando uma associação entre os seus neurônios e os de Deus, em uma ligação (delirante?) entre o sistema neurológico humano e o divino. Essa ligação é de tal forma insuportável que o Presidente Schreber se vê morto, assujeitado pela palavra, habitado por ela, dominado pela linguagem que ele, simultaneamente, diz e ouve.

3 O EU, O OUTRO E AS PSICOSES

A psicanálise, como sabido, desbanca a ideia de que o homem tem total consciência de suas ações, demonstrando, com a descoberta do inconsciente, que o eu não é senhor em sua própria casa. Lacan faz uma releitura da obra freudiana, grande parte de seus seminários foram destinados a este objetivo. Em seu último seminário que proferiu em Caracas, em 1980, Lacan afirma: “Cabe a vocês serem lacanianos. Quanto a mim, sou freudiano”. Então, resgata categorias teóricas e ainda introduz alguns conceitos, dentre eles, o de foraclusão, que é um mecanismo que estaria na origem da psicose, consistindo em uma rejeição de um significante para fora do universo simbólico. O significante foracluído retorna no real, especialmente no fenômeno alucinatório.

A introdução de Lacan do termo foraclusão dá nome ao que não era definido em Freud, no que diz respeito à psicose. Visto que o recalque é um mecanismo que ocorre na neurose. Na psicose, o que foi foracluído do simbólico, reaparece no real.

O esquema L (abaixo) é um dos temas mais estudados em Lacan e pode ser empregado para compreensão da estruturação do sujeito. Vejamos:



FONTE: Lacan ([1955-56] 1985), p. 22.

No eixo imaginário, há uma relação do eu, representado pela letra a (do francês *autre*, outro), compreendendo que o eu também é um outro e se estrutura a partir da relação com este outro. O eu é, pois, atravessado pelo outro, pelo olhar do outro, pela palavra do outro.

Na relação imaginária, o ponto que se refere a este outro é o (a'), um outro que cria com o eu uma relação especular, mãe e filho. A relação diz também de um componente narcísico, onde o eu (a) se vê e se completa na sua imagem (a').

O eixo imaginário é cortado pelo eixo do grande Outro (A, do francês *Autre*), o que desempenha a função paterna, fundando o inconsciente. A intervenção do Outro (A), provoca uma ferida narcísica no eixo imaginário. Ao romper a certeza imaginária, a função paterna é incisiva no vínculo mãe-filho, o que produz um sujeito barrado, representado pelo S com uma barra (/), um sujeito que se reconhece faltoso.

Enquanto o eu (a) mantinha a relação imaginária, se constituía como um eu ideal. A partir da interdição paterna, forma-se o eu ideal, que é representado na relação do grande Outro (A) com o eu (a). Porquanto a relação imaginária foi quebrada, resta o desejo do outro (a') que interpelava o eu (a). O desejo do outro é substituído pelo objeto a - causa de desejo, na nova relação entre sujeito (S) e o outro (a'). Com relação ao objeto causa de desejo (objeto a), o sujeito cria uma fantasia de completude. Então, o sujeito quer retornar ao eixo imaginário, um retorno impossível de ocorrer. O sujeito barrado (S) não tem acesso ao inconsciente, e sim às suas representações. A relação do sujeito com o objeto causa de desejo é fundamental para compreensão das estruturas clínicas.

Na neurose, não existe fixação do objeto a (a'). Ele não se fixa, ou seja, o neurótico não sabe o que quer. Há uma grande distância entre ele e a falta. O objeto que ele deseja conquistar muda de forma, acaba por abdicar-se de seu desejo. O neurótico não abre mão de seu desejo, e o seu objeto muda constantemente de lugar. O neurótico conta com o eixo simbólico, que lhe permite metaforizar. A completude é impossível na neurose, então, ele vai procurar sempre envolvê-la em palavras e desejos, bordejando o objeto a, mas sofrendo com o seu distanciamento.

Na psicose, há uma fixação no eixo imaginário, entre o eu e sua imagem ideal. De alguma forma existe castração na psicose, pois estar no mundo é estar castrado. De acordo com Moreira e Teixeira (2018), deve haver uma resposta subjetiva à falta. Eis como se expressam:

algo de constitutivo que concerne ao ser falante, uma vez que a todos é dada a preexistência de uma ordem simbólica - o Outro -, ordem que se coloca para o sujeito infantil e diante da qual será preciso que ele responda. Tem-se que o que é dado na estrutura, como estrutura de linguagem, é uma incompletude intrínseca, marca da passagem do ser que age regulado pelo instinto ao ser falante, regulado pelo desejo. Há algo do sexual, do ser habitado pela linguagem, que se opõe à etiologia utilitária do órgão; portanto, transpõe-se a ordem da necessidade e da reprodução. No âmbito do ser falante, não há uma programação, como há naquela dada pelo instinto, sobre o sexo. O que há é uma perda inaugural que não pode ser transposta pelo Outro, que também aloja esse vazio de sentido. Diante dessa hiância aberta no registro da linguagem como um furo nas significações, é dado um movimento - de significantes - para o Outro preencher, e é nesse fluxo significante que o sujeito vem a emergir. Essa falta na estrutura da linguagem se apresenta então de modo operativo, já que, se nada fala, se a estrutura está plena, completa, não há espaço para uma movimentação. O elemento ausente, como um buraco na cadeia simbólica, é então operativo, para que, pela via do buraco, possa surgir um sujeito desejanse (MOREIRA e TEIXEIRA, 2018, p. 748).

O neurótico enfrenta a castração, tem linguagem para ressignificar. Na psicose, o sujeito também se depara com situações castradoras, mas não encontra o suporte do recurso da linguagem como forma de metaforizar. Se o sujeito neurótico habita a linguagem, o sujeito psicótico é habitado por ela, o que implica em um grande sofrimento. Falta o distanciamento do grande Outro, não há representação no nível simbólico para a interdição paterna, que colocaria uma ruptura no eixo imaginário.

Podemos citar um caso que, há algum tempo, estive nos noticiários da televisão brasileira. Tratava-se de um rapaz que, extremamente solícito, se aproximou de um homem pobre, sozinho, solitário, que vivia em situação de miséria e sem qualquer simpatia que pudesse atrair a atenção de outras pessoas para auxiliá-lo em suas necessidades. Rompendo os limites das dificuldades e dos preconceitos, o rapaz, que aqui chamaremos de Paulo, foi chegando devagar, propondo uma conversa e uma amizade – ainda que tênue, pois nem sempre o senhor, que aqui chamaremos de José, estava disposto a conversar. Mesmo assim Paulo insistiu na amizade e, vez por outra, aceitava de bom grado uma xícara de café na choupana de José. Preocupado com sua situação miserável, Paulo informou a José que ele teria direito ao acesso a políticas públicas do governo, podendo vir a receber algum dinheiro todos os meses. Ressabiado e algo desconfiado, José foi cedendo e aceitando as intervenções e oferecimentos de auxílio que, conforme percebia, iam crescendo a cada dia: no início, era

necessária uma assinatura em “um papel que não se lia”; depois, eram-lhe solicitados alguns documentos “que nunca mais voltavam”. Foi então que José sentiu-se invadido em “suas coisas”. Uma invasão que seu eu (a) não podia mais suportar, pois com o outro (a’), chamado de pobreza ou miséria, ele tinha uma relação de completude qualquer. A entrada de Paulo foi-lhe insuportável e, em uma das tardes em que visitaria José, foi recebido a machadadas.

Ao ser questionado por que matara uma pessoa que só buscava lhe dar ajuda e melhores condições de vida, José se limitava a dizer que ele “invadia sua casa, em busca de seu café e de suas coisas”. Neste caso, podemos compreender como a relação com o Outro não está distanciada pela ação metafórica da linguagem.

Quando se refere à psicose, a realidade está de início, preenchida por uma lacuna, que o mundo fantasístico tenta ocupar. O inconsciente está a céu aberto. A alucinação pode ser entendida como uma cadeia de significantes. Em relação a estrutura psicótica, há a falta do significante do Nome-do-Pai. No caso da psicose, o analista não interpreta, ele deve secretariar. Pois o delírio é uma tentativa de estabilização. O objetivo da psicanálise não é acabar com o delírio, e sim ressignificar a experiência delirante, sendo que é no próprio delírio que se encontra a verdade do sujeito.

Neurose e psicose compreendem relações diferentes com a realidade. Na psicose, essa relação é designada por delírio. Na neurose, uma parte da realidade psíquica é perdida. Quando há o desencadeamento da neurose, o sujeito escotomiza uma parte de sua realidade psíquica. Essa parte é esquecida, mas continua a fazer-se ouvir por meio das relações simbólicas. Portanto, na neurose persiste uma certa incapacidade de enfrentar essa parte da realidade que foi perdida mas que, paradoxalmente, permanece secretamente conservada e, por isto, continua a exercer suas influências na vida psíquica do sujeito.

Na psicose, é a própria realidade que é provida de um buraco. Um buraco que o mundo fantasístico vai se mostrar para anular. Assim se formam os mecanismos de formação dos sintomas. De acordo com Lacan ([1955-56] 1985), um buraco, uma falha, um ponto de ruptura na estrutura do mundo exterior se acha preenchido pela peça pelo delírio psicótico. No entanto, essa construção não é assim tão simples. É preciso compreender tal mecanismo. Sabe-se que o que foi rejeitado no simbólico, reaparece no real, com suas características de incompreensão, próprias do inefável. No caso do neurótico, essa rejeição é reconfigurada continuamente no registro simbólico. No caso do psicótico, não há reconfiguração possível, pois tal rejeição operou justamente na formação do inconsciente e seu caráter majoritariamente simbólico.

Para melhor elucidar tais questões, Lacan ([1955-56], 1985) narra o caso clínico de uma paciente paranoica. Nesse caso, está evidenciado a sua fala e a fala do Outro, que lhe falta, estruturalmente.

Eis que ela percorria o corredor do prédio onde habitava e cruzou por um homem. Homem sabidamente casado e que traía sua esposa, envolvendo-se em carícias com outra mulher que também ali habitava. Ao passar por ele, ela disse: “Eu venho do salsicheiro”. Ao que o homem respondeu: “Porca!”. Este foi o relato feito a Lacan depois de alguma escuta

e ele, por sua vez, colocou-se a compreender o sentido desse delírio auditivo (“Porca!”). Quem é que fala?

Antes, porém, ele pondera sobre alguns pontos importantes da psicose, quando o que se deva fazer é compreender que se trata de um delírio e passar adiante. Não há que se entrar no jogo do paciente pois, fazer isto é participar de sua resistência, principalmente em se considerando que a resistência do paciente, em todos os casos, é a resistência do próprio profissional que o ouve.

Sobre as alucinações auditivas, Lacan ([1955-56], 1985) considera que certos pacientes que se queixam desse tipo de alucinação, fazem movimentos com a garganta e com os lábios, em um arremedo de fala, como se eles próprios fossem a origem de tais falas. Mas o fato é que o são. Pois o sujeito recebe a mensagem do outro (*autre* – a) de uma forma invertida. Neste sentido, não seria a própria paciente que se disse – desde o registro do real – a apelação “Porca!?”. Neste sentido, Lacan afirma que a injúria está na fenomenologia clínica da paranoia.

Se essa cliente é paranoica, ouve uma exclusão do Outro (*Autre*), metáfora paterna, Nome-do-Pai castrador. Na psicose, o circuito se fecha no eixo dos dois outros (*autres* a – a’). Portanto, é ela quem fala a si mesma.

Para compor seu raciocínio, Lacan ([1955-56], 1988) afirma: Ela diz: “Eu venho do salsicheiro.” Ora, quem vem do salsicheiro? Um porco cortado. Ela não sabe que diz isto, mas o diz assim mesmo. “Eu, a porca, venho do salsicheiro. Já sou desconjuntada, corpo espedaçado, membra abjecta, delirante, e meu mundo se vai em pedaços, assim como eu vou... assim como eu venho: do salsicheiro”.

Importante notar também a relação que Lacan faz com a linguística de Ferdinand de Saussure: sincronia e diacronia na língua. Na sincronia há um sistema simultâneo e grupos de oposição estruturados. Na concepção diacrônica do discurso, não há linearidade (discurso psicótico), ainda que compreendamos que entre o locutor e seu interlocutor há um grande abismo linguístico, seja qual for a organização psíquica dos sujeitos. Portanto, há que se perguntar: quem é que, habitualmente, fala em nós mesmo? Quem fala em nós? Quem fala a partir dos nós, das amarrações entre o simbólico, o real e o imaginário?

O Outro é aquilo que, diante de nós, se faz reconhecer. Uma vez introduzido no jogo dos símbolos, o sujeito é forçado a se comportar a partir de um conjunto de regras. Como afirma Lacan ([1955-56], 1985, p. 63): “Quando um fantoche fala, não é ele quem fala, é alguém que está atrás”. De fato, todo discurso é um discurso já-dito. Mas, no caso da psicose, o Outro fala ao sujeito a partir do real: sua própria fala está no Outro que, no caso acima exposto, é ela mesma. E o Outro – ela mesma – lhe diz: “Porca!”.

O a (*autre*) é o sujeito que ela encontra no corredor. Não há o A (*Autre*).

Isso deve ser situado no plano da projeção, como um mecanismo de defesa? Toda a vida íntima daquelas pacientes se desenrolou fora do elemento masculino, elas sempre fizeram deste um estranho com o qual jamais concordaram, para ela o mundo era essencialmente feminino. A relação que elas mantêm com as pessoas

de seu sexo é do tipo de uma projeção, na necessidade em que elas estariam de permanecer elas mesmas, com um casal? Seria aparentada a essa fixação homossexual no sentido mais lato do termo, que está na base, Freud nos diz, das relações sociais? É o que explicaria que, no isolamento desse mundo feminino em que vivem essas duas mulheres, elas se encontram na posição, não a de receber a mensagem delas do outro, mas de elas próprias a dizerem a outro. A injúria será o modo de defesa que volta de alguma forma por reflexão na relação delas (LACAN [1955-56] 1985, p. 62).

Então, podemos afirmar que não há discurso sem uma ordem temporal, sem uma sucessão concreta. No delírio, alguns elementos se isolam e se tornam pesados, ganhando um valor, uma força particular. Em suma: uma significação – quando significante e significado não encontram uma barra que os separe. Barra que criaria um ponto de basta (*point de capiton*).

As relações do sujeito com a língua emergem a cada momento de seu texto-seminário, de sua escrita-fala e, é neste sentido que Lacan ([1955-56] 1985) faz uma abordagem, ainda que breve, sobre o recalque para o neurótico, considerando-o (o recalque) como uma outra língua que ele fabrica com seus sintomas. Desta forma, o sintoma neurótico desempenha o papel de língua que permite exprimir o recalque ou, ao menos, suas representações – o retorno do recalado. É por isto que ele afirma que o recalque e o retorno do recalado são uma só e mesma coisa; o direito e o avesso de um só processo.

Ainda assim, sabendo-a fugidia por natureza (GARCIA-ROZA, 1990), a palavra tem sua importância na estruturação dos sintomas psiconeuróticos da psicose. Afinal, de alguma forma, ela é aletheia (a-lethos⁹) – um prefixo que indica negação (no grego) mas que, ainda assim, remete ao objeto perdido, a causa do desejo. O desejo que a palavra tem de significar, de abarcar o sentido da coisa.

Lacan ([1955-56] 1985), retomando Schreber e seus delírios, afirma que entre o primeiro acesso psicótico e o estabelecimento progressivo da fase psicótica no auge da estabilização, teve uma fantasia: como seria uma coisa bela ser uma mulher sendo copulada.

Há algo do recalado que reclama sentido, quer seja no “retorno” ou no delírio. Por exemplo, nos sonhos de castigo demonstram um desejo de castigo. Por isto, em seu contexto, é preciso distinguir o que foi simbolizado e o que não o foi. Que relação haveria entre a emergência do eu (como seria belo ser uma mulher) com a concepção de que o delírio, chegado ao seu alto grau de acabamento se desenvolverá com toda sua força – que o homem deverá ser a mulher permanente de Deus? O homem: um ser completamente feminino: uma mulher.

⁹ Lethos, em grego λήθη, designa o esquecimento, o oculto. Logo, a sua negativa a-lethos designa o não esquecimento, o não oculto, algo que insiste em se manifestar ou, em suma, em significar.

A questão que se coloca é a de saber se nos encontramos diante de um mecanismo propriamente psicótico que seria imaginário e que iria da primeira entrevisão de uma identificação e de uma captura na imagem feminina, até o desabrochar de um sistema do mundo em que o sujeito está completamente absorvido em sua imaginação de identificação feminina (LACAN [1955-56] 1985, p. 77).

Neste contexto, como não se referir às três esferas da fala? A saber: o simbólico, o imaginário e o real? O simbólico é representado pelo significante e suas cadeias que se desdobram sobre si mesmas e que dizem do sujeito. O imaginário é representado pela significação, nas contínuas tentativas de fazer com que significante e significado se emparelhem. O real é o impossível de sentido, o impossível de ser simbolizado, carente de um ponto-de-basta. O ponto principal da função da fala é o reconhecimento da subjetividade do Outro.

Sobre o mecanismo do fenômeno psicótico, Lacan ([1955-56] 1985) insiste na diferenciação estrutural entre a neurose e a psicose. Eis o que ele argumenta:

Quando uma pulsão, digamos feminina ou pacificante, aparece num sujeito para quem a dita pulsão já foi posta em ação nos diferentes pontos de sua simbolização prévia, em sua neurose infantil, por exemplo, ela encontrou o meio de se exprimir num certo número de sintomas. Assim o que é recalcado se exprime assim mesmo, o recalque e o retorno do recalque sendo uma só e mesma coisa. O sujeito tem a possibilidade, no interior do recalque, de se sair bem com o que acontece de novo. Há compromisso. É o que caracteriza a neurose [...]. O que será o início da psicose? Uma psicose tem, como uma neurose, uma pré-história? Haverá, ou não, uma psicose infantil? [...] Tudo parece mostrar que a psicose não tem uma pré-história (LACAN, [1955-56] 1985, p. 104).

Para continuar este raciocínio, há que se considerar que quando algo emerge do mundo exterior – à guisa de interpelação ao sujeito – mas que não havia sido primitivamente simbolizado, o mesmo sujeito se vê desarmado, pois não há significantes produzidos na cadeia desde a emergência do Nome-do-Pai. Portanto, isto que se insinuou na vida do sujeito está excluído do compromisso simbolizante da neurose e vai se traduzir em um outro registro, produzindo uma reação em cadeia no nível imaginário (a – a’). Desta forma, o sujeito não pode estabelecer uma mediação simbólica entre o que é novo e ele próprio.

Portanto, quando o que não foi simbolizado reaparece no real, faz ocorrer o registro da significação. Essa significação não vem de parte alguma e não remete a coisa alguma, mas está diretamente relacionada ao sujeito. Em termos de alucinação auditiva, por exemplo, o sujeito sabe que aquilo que ele ouve nenhuma outra pessoa o faz. Há uma certa admissão de irreabilidade. Mas esse fenômeno lhe concerne inalienavelmente. Aqui, tem-se com um fenômeno elementar da psicose a crença delirante. Desta forma, o delirante, à proporção que ascende na escala dos delírios, está cada vez mais certo de sua irreabilidade.

O mundo que [Schreber, por exemplo] nos descreve está articulado em conformidade com a concepção que ele alcançou depois do momento do sintoma inexplicado da profunda perturbação cruel e dolorosa, de sua existência. Segundo essa concepção, que lhe dá aliás um certo domínio de sua psicose, ele é o correspondente feminino de Deus. Em consequência, tudo é compreensível, tudo é arranjado, e eu diria mais, tudo se arranjará para todo o mundo, já que ele representa aí um papel de intermediário entre uma humanidade ameaçada até o mais recôndito de sua existência, e esse poder divino com o qual ele tem relações tão particulares (LACAN, [1955-56] 1985, p. 98).

Sua relação com Deus é intensa, completa, ao mesmo tempo que rica e complexa. No entanto, em seu texto, conforme afirma Lacan, não há a menor ideia de que há uma relação entre dois seres. Diferentemente de uma experiência mística, na qual o sujeito não perde sua subjetividade, em Schreber, o sujeito está objetivado, perdido no dizer do Outro, um dizer não simbolizado, que emana do real e invade o sujeito. Lacan ([1955-56] 1985) afirma que o psicótico é “violado, manipulado, transformado, falado de todas as maneiras, é, eu diria, tagarelado” (p. 94).

Sobre a consideração de que o delírio do psicótico seria uma defesa do sujeito, Lacan afirma o caráter incompleto, superficial e escabroso de tal afirmação. O que acontece na psicose é que alguma coisa de primordial do sujeito não entra na simbolização. Ou seja, não foi recalcado, mas rejeitado. Isto quer dizer que alguma coisa que não foi simbolizada (*Verwerfung*), manifestar-se-á no real.

Ainda em seu empreendimento de, por vezes, fazer as justas e devidas comparações – à guisa de diferenciações – entre a neurose e a psicose, Lacan ([1955-56] 1985) retoma o caso Dora e, com ele, faz os enlaçamentos com a função paterna. Não é fortuito, portanto, que Lacan afirme que Dora mantinha com o pai um fenômeno significativo, interpretativo e até mesmo alucinatorio, mas não chega a produzir um delírio. Ele (o pai de Dora), assim como os outros homens viveriam, em sua interpretação (de Dora), um jogo de troca de mulheres – no modelo de Claude Lévi-Strauss. Acima das dimensões antropológicas, Dora se sente um objeto, uma dádiva, que vai sendo trocada em troca de amores maiores do que ela própria. Mas ela não se submete à significação dessas trocas e rompe o que Lacan designou como a ópera vienense: o quarteto amoroso constituído por Dora, seu pai, o Senhor K. e a Senhora K. Tal ruptura consistia em imputar ao outro hostilidade e má intenção.

Esse caso ilustra a relação do eu com o outro. Conforme considera Lacan ([1955-56] 1985), o eu é desde já por si mesmo um outro. O sujeito é duplo e o outro se instaura como a dualidade interna do sujeito. Também Foucault (1966), ao estabelecer uma interpretação do quadro de Velázquez – *As Meninas* – propõe esse jogo de compreensão do olhar do sujeito que é atravessado – interpelado – pelo olhar do outro. Em sua interpretação, ao se ver a si mesmo (em um espelho, por exemplo), o eu é também olhado pelo outro. Nas palavras de Lacan ([1955-56] 1985), o eu é um mestre que o sujeito encontra em um outro e que se instaura na função de domínio no cerne de si mesmo. No plano imaginário (retomemos na memória o Esquema L), o outro está sempre prestes e retomar seu lugar de domínio na

relação com o eu. É por isto que todo equilíbrio puramente imaginário com o outro está sempre condenado por uma instabilidade fundamental.

O eixo imaginário também sustenta o complexo de Édipo. Uma relação conflituosa, incestuosa, destinada ao conflito e à ruína. Ora, para que o ser humano possa estabelecer uma relação mais natural – aquela constituída pela união do macho com a fêmea – é preciso a intervenção de um terceiro. Mas não um terceiro qualquer, mas aquele que porta em si a imagem de algo que foi bem sucedido – um modelo de harmonia, por assim dizer: o portador do *falus*. Esse interventor porta a lei, a cadeia, a ordem simbólica a ser constituída pelo sujeito interdito em seu gozo. Uma palavra: a palavra do pai, o Não-do-Pai (também denominado *Non-du-Père*, *Nom-du-Père*, ou seja, Não-do-Pai, Nome-do-Pai). A ordem do sujeito está fundada nesse Nome. Portanto, a ordem simbólica subsiste, como tal, fora do sujeito.

Quando não há essa ordem, é preciso que haja uma compensação delirante. Como em Schreber, por exemplo, continuamente retomado na obra de Lacan ([1955-56] 1985). Falta a ordem simbólica propriamente dita. Nesse vazio, entram os delírios auditivos e visuais. Nos delírios auditivos, Schreber ouve desde um cochicho imperceptível até a voz das águas, quando ele se vê confrontado com Arimã (irmão gêmeo de Ormuz-Mazda que, na mitologia persa, formam o Bem – Ormuz e o Mal – Arimã). Ora, como bem assinala Lacan: onde há Arimã, há também Ormuzd.

Posteriormente, em uma construção que busca associar os termos da língua alemã com o conteúdo dos delírios do presidente Schreber, emerge a palavra carcaça. Que tem em si um sentido pejorativo, ao mesmo tempo que alude à dimensão feminina desta personagem tomada em discussão por Freud. Neste sentido, a palavra carcaça entra também na composição da injúria, muito frequente na relação que o parceiro divino mantém com Schreber. “A injúria aniquiladora é um ponto culminante do ato da fala” (LACAN [1955-56] 1988, p. 118).

Deus parece ser, ele também, a sombra de Schreber. Ele é atingido por uma degradação imaginária da alteridade, que faz com que ele seja, com Schreber, marcado por uma espécie de feminização (LACAN [1955-56] 1985, p. 119).

Para que haja um desencadeamento da psicose, é preciso que o Nome-do-Pai (foracluso) seja invocado. No entanto, o sujeito não dispõe de uma estrutura capaz de sustentar a castração na linguagem e, por isso, emerge uma “cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizem na metáfora delirante” (LACAN, [1957-58] 1998). Com Freud, aprendemos que é preciso escutar aquele que fala, mesmo quando se trata de uma linguagem que não provém do sujeito inserido na linguagem, mas de uma fala que encontra sua origem no para além do sujeito. É quando a fala emerge do Grande Outro e se dirige ao sujeito, buscando significá-lo como no caso já citado de um delírio auditivo, no qual a mulher ouvia o amante da vizinha acusá-la (denunciá-la?). Há um jogo entre o perceptum e o percipiens cuja elaboração sempre passa pela relação do sujeito

com o Grande Outro, como afirmara Lacan ([1957-58] 1998): eis uma instância plena de impertinências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia três de junho do ano de mil oitocentos e trinta e cinco, no lugar chamado cantão de Aunay, na França, ocorreu um terrível crime: Pierre Rivière, um jovem de vinte anos, matara a golpes de cutelo sua mãe, sua irmã e seu irmão. O dossiê foi recuperado por Michel Foucault ([1977] 1991) que, na obra por ele coordenada, passa a apresentar as considerações acerca do crime na visão da época e na das ciências posteriores. Do mesmo dossiê, o autor recupera o que fora colhido pelo procurador do rei junto ao tribunal civil de Vire a respeito do autor do crime:

Pierre Rivière foi desde a infância motivo de aflição para sua família. Era obstinado e taciturno; a companhia, mesmo de seus pais, era-lhe aborrecida. Jamais mostrou por seu pai ou sua mãe a afeição de um filho. Sua mãe mais do que ninguém era-lhe odiosa. Ele experimentava às vezes, ao aproximar-se dela, como que um movimento de repulsa e frenesi. Pierre Rivière tinha de resto, em todos os hábitos da vida, essa dureza de caráter que desesperava sua família. Havia quem se lembrasse de tê-lo visto, em sua infância, ter prazer em esmagar passarinhos entre duas pedras, ou perseguir crianças de sua idade com instrumentos com que as ameaçava de morte (compilado por FOUCAULT [1977] 1991, p. 9).

A leitura da obra é inquietante e marcada por concepções que sustentam a leitura ao mesmo tempo que evoca um grande mal-estar: um mal-estar de ser humano, um mal-estar de civilizado mas, simultaneamente, uma proposta de melhor compreender os estados e condições psíquicas que podem conduzir o sujeito a um ato, uma passagem ao ato, que anuncia uma estrutura psicopatológica inquietante e que merece ser devidamente compreendida para, quiçá, ser tratada. A personalidade do jovem P. Rivière vem à tona em todos os depoimentos recuperado por Foucault como, por exemplo, este que foi apresentado pelo relatório do Ministro da Justiça ao rei, em Paris, a oito de fevereiro de mil oitocentos e trinta e seis:

Durante um mês o assassino escapou a todas as buscas; quando o pegaram, logo se declarou autor do triplo crime cometido em Aunay, fingindo uma monomania religiosa: “Matei, disse ele, minha mãe porque ela pecou; minha irmã e meu irmão porque pecaram ficando com minha mãe”. Continuou com este sistema nos primeiros interrogatórios, dizendo que Deus lhe havia ordenado este assassinato triplo, e citando como apoio passagens da Sagrada Escritura; mas abandonou logo este papel de louco que lhe pesava, e fez esta declaração: “Eu vou dizer a verdade. Foi para tirar meu pai de seus apuros que eu fiz isto; quis livrá-lo de uma mulher má que o atormentava continuamente; matei minha irmã porque tomava o partido

de minha mãe, e meu irmão porque ele amava minha mãe e minha irmã. Queria que a justiça me acreditasse louco; pensava que isto serviria para minha defesa”. Mais tarde ele deu este motivo e o escreveu num manuscrito: “Queria, matando esta criança, inspirar bastante horror a meu pai, para que ele não me lamentasse”. Rivière tendo confessado todas as circunstâncias do crime, a instrução e os debates foram dirigidos no sentido de saber se no momento do ato este homem gozava do uso da razão (compilado por FOUCAULT [1977] 1991, p. 167).

Os estudos sobre as psicoses permitem que as explicações sobre o crime ocorrido encontrem outros rumos e estabeleçam outras razões: uma escuta do sujeito. Uma escuta que não reabilita o crime, mas que procura compreender o lugar daquele que executara um ato e os motivos que o levaram a tal prática: carência de elementos simbólicos para tentar ressignificar a atuação da mãe sobre o pai que, via de regra, se mostrava submisso e humilhado por uma esposa sempre dominadora e impertinente? Seja como for, assim como no caso do Presidente Schreber, o jovem Rivière pode ser analisado pelos pressupostos psicanalíticos. Estamos tão-somente retomando um caso que abalou uma sociedade – como o das irmãs Papin e de Aimée – e sobre o qual pode ser feita uma compreensão, tomando por base os elementos fundamentais que estabelecem as psicoses. O processo revela condições psíquicas específicas de uma estrutura que não pôde suportar a falta do Nome-do-Pai que lhe seria capaz de organizar e fazê-lo supor outras relações menos monstruosas da constituição familiar.

Deixamos, pois, para o instante da conclusão de nosso trabalho esse breve relato ocorrido no século XIX para afirmar que a proposição psicanalítica é capaz de fornecer importantes contribuições para o funcionamento dos estados mentais que se apresentam confusos e incompreensíveis para a sociedade.

O estudante de Psicologia se depara com os relatos acerca do processo que foi recuperado por Foucault. Ao invés de parar no espanto dos depoimentos e constatações (olhar), busca uma elaboração, cuja conclusão ainda não é totalmente possível. A intenção é continuar estudando para que se faça uma clínica que coloque em evidência o sujeito-em-seu-ato pois, nas psicoses, esse se mostra inseparável daquele (sujeito e ato). Haveremos, pois, de prosseguir nas leituras para um melhor aprofundamento da compreensão da estrutura psíquica que demonstra uma fixação do eu no eixo imaginário-narcísico, cuja interpretação do mundo adquire contorno sub-reptícios que não podem ser negligenciados na formação profissional.

O presente trabalho, pois, abre espaço para outras e futuras investigações no campo profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

- ERASMO. *O elogio da loucura* (1509). São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica* (1972). São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FOUCAULT, M (coord.). *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX* (1977). Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)* (1911). V. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. *O infamiliar* (1919). São Paulo: Autêntica, 2019.
- FREUD, S. *Além do princípio de prazer* (1920). São Paulo: Autêntica, 2020.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- LACAN, J. *As psicoses* (1955-56). O seminário. Livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *O alienista* (1882). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MOREIRA, I.G. e TEIXEIRA, A. M. R. Diagnóstico em psicanálise: da estrutura ao discurso. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, n. 21, v. 4, dez., 2018.
- SARTRE, J.-P. Prefácio. In: FANON, F. *Os condenados da Terra* (1961). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SCHREBER, D. P. *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Rio de Janeiro: Graal, 1984.